



ITINERÁRIOS DE EXPOSIÇÃO

De 10 de julho a 29 de agosto de 2010 a exposição será visitada por pesquisadores(as) convidados(as) a redigirem um ensaio sobre a mostra. Este é o quarto e último ensaio da série que compõe o programa de publicações de “Franklin Cascaes: desenhos e esculturas”, com curadoria de Fernando Lindote, no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis/SC.

GRANDVILLE E CASCAES

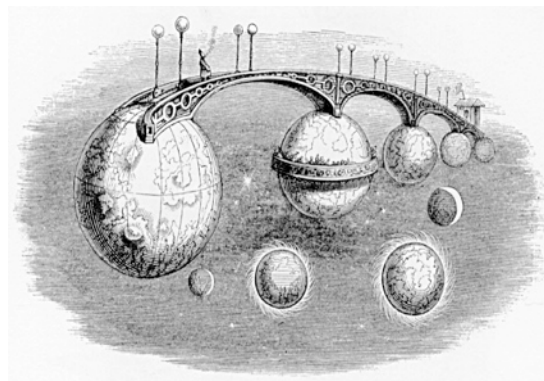
O DESENHO COMO LIBERTAÇÃO DE FANTASMAGORIAS

Na metade do século 18, um artista pouco conhecido ou considerado “menor” – Grandville – inaugurou um tipo de desenho onde fantasias, caricaturas e críticas políticas chamaram a atenção de Walter Benjamin quando este iniciou sua pesquisa sobre Paris no século XIX. O artista tinha uma capacidade de liberar as coisas, especificamente as mercadorias, que são condenadas a ser útil, incorporando apenas o valor de troca. Assim, animais ou objetos viraram humanos graças à sua caneta: um prego podia caminhar elegantemente na rua como um *flaneur*. Um século depois, num contexto totalmente diferente mas sempre urbano – a cidade de Florianópolis – um outro artista “marginal” ou assim dito “folclórico” como Cascaes, elabora um desenho fantasmagórico em sentido próprio: isto é, uma séria infinita de coisas, animais, mundos saíam da sua caneta e se transformavam em “seres”. Fiquei impressionado pelas vassouras em metamorfoses: uma *dança-sabba*, onde os membros são variações físicas sobre o corpo de bastão e os fios de palha viram cabelos irregulares, porque tudo é desregulado nestas vassouras que viram bruxas para assustar o mundo da sua assim dita “normalidade”. Cavalos *tripernos*, Saci Perere *monoperna* e Caipora *unipede* criam uma fisionomia perturbada e estranha que causa um *mix* de espanto e estupor no visitante.

O problema que sempre acompanhou Cascaes parece ser a sua relação profunda com a tradição popular no espaço onde nasceu. Por isso o estigma de folclórico foi consignado à sua obra. Mas, no campo da arte, todo o mundo sabe que uma obra tem uma autonomia relativa da ideologia do autor: e que o olhar sobre esta obra libera em cada pessoa a própria estética ou interpretação que pode tranquilamente não coincidir com aquela do seu autor. Por isso, o projeto da exposição atual no Museu Histórico de Santa Catarina é adequado ao sentir estético contemporâneo. E Cascaes se libera deste estigma assim como ele mesmo liberou vassouras ou o boi de uma condição reificada, sempre igual.

Fiquei com enorme estupor ao verificar que um desenho de Cascaes é muito semelhante a um outro famosíssimo de Grandville e tenho a certeza de que ele não o conhecia: Benjamin fala da maravilha dos mundos de Saturno, onde os anéis viram um balcão em que os humanos passeiam, se afagam, falam e admiram o panorama astral, graças a uma ponte de ferro com as primeiras lanternas a gás que se conjuga com a Terra. E Cascaes imagina uma rede telegráfica que une a Lua e a Terra, onde os palos (varas) pairam sobre estrelas-ilhas e dois “seres-terioformi” (de aparência animal) tiram os fios telegráficos entre satélite e planeta. O artista de Florianópolis falava sempre que não havia “nada de novo sob o sol”: em parte é verdade, mas ao mesmo tempo ele e Grandville inauguraram um tipo de arte que é um desafio à arte clássica, oficial, institucionalizada. E também para o Sol... Nesse sentido, sob Ele – sob o **Sol** – acontecem muitas novidades

e ele, assim solar e paterno, imagino que fica sorrindo ao ver o irregular **Saturno** que vira um ótimo lugar para passear e a **Lua** que comunica via telégrafo com a **Tia Terra**. Tecnologia e comunicação favorecem o diálogo entre os dois artistas e os mundos planetários de fantasia que nos nutre.



Enfim, queria sublinhar a importância do desenho como arte autônoma: desenhar significa elaborar uma capacidade estética de linhas, traçadas rápidas no papel, com uma idéia que muitas vezes nasce e cresce durante a elaboração: como se fosse possível estabelecer uma sintonia estranha entre os dedos, a mão, o olhar e aquela coisa nebulosa que ainda está na mente, imprecisa e potencial, e que quer sair para se manifestar nas configurações de uma folha. *A obra*. O desenho que foi escolhido para o logotipo da exposição é uma evidente manifestação deste poder imagético da fantasia: um “ser”, talvez inseto ou pássaro ou dragão mítico voa no ar, espremendo ameaça e divertimento, espanto e jogo. Na minha sugestão, parece um tipo de animal híbrido que nasce numa natureza viva, que cruza as diferenças, que mistura e produz uma *assemblage* com fragmentos de pernas, bicos, unhas, asas. Esta fantasmagoria de Cascaes parece se liberar sem limites na procissão de um ritual “infernai”, no sentido que a *Grande Festa* inicia, que a dança cria as conexões entre uma cavalgada de *seres misturados*, cabeças animais e corpo sobre-humano, homem lobo, boitatá, caipora, os iniciáticos correm, dançam, voam, especialmente mulheres que gostam de se exprimir como bruxas sem difundir medo ou carinho. É só fantasia. Isto é, um balé bruxólico de caneta que nos faz viver e perguntar sobre a força das linhas que ultrapassam esta banal realidade.

Massimo Canevacci é antropólogo e professor da Universidade de Roma “La Sapienza”. Atualmente, é professor convidado da Universidade Federal de Santa Catarina.